

# O BERGO DA MONARQUIA

Nº. 71

QUINTA-FEIRA, 14 DE MARÇO DE 1872

1.º ANNO

GUIMARÃES, 13

Parece que a formidanda revolução, que se annunciava para breve, engoliu e malogrhou com as mortadas agrestes que tem feito! Os homens e infinitos civilizadores, que aspiravam a *bem-estar* dos povos, ranspiraram e no céo aberto foram-se evaporando por modo que deixaram esperanças n'um adiamento indefinido. E lastima isto! Desde o tempo de Malherbe que semelhantes contrariedades vexam e açoitam as rosas e as mais bellas coisas desse mundo sublunar! O caso era simples como todos os casos extraordinários e excellentes. Um bello dia la primavera insiniente, os apostolos de futuro e os amigos do povo saíram em procissão, reclamando do governo e das câmaras os mil e antos contos d'impostos de barreira que pagam os habitantes da capital. Provavelmente o governo, que não nende o dinheiro ás razas e que sente o tesouro com anémia, não nendo modo de subscrever ás reclamações revolucionárias, mandava a procissão para suas casas em comandânia das mais rosadas e doiradas tera delicada, mas não parava á misericórdia, e os revolucionários das Illespanhas lavraram pac-

to com o direito de vencerem por ella ou morrerem com elle. Com ouvidos que não ouvem, os taes revolucionários punham-se a berrar contra a tyrannia e á espoliação dos governos que bebem o sangue dos municípios e municípios, e achavam a *liberdade* a *moralidade* e a emançaição dos concelhos! Intervinham as espingardas e as espadas para cortar a palavra indignada aos comuneros e estes invocavam a fraternidade dos soldados e floreavam nos ares o cacetete e o trabaco. Ao primeiro sangue levantavam-se vivos á *communa* de Lisboa, morras ao governo e á situação e proclamava-se a *república social*. Depois disto enterravam-se os mortos e curavam-se as feridas, e decretava-se a felicidade pública em nome do marechal Saldanha, do exconde de Peniche e d'um celebre general do pégote, assaz conhecido das virtudes cardinais! Em seguida haveria illuminações e gala, muito vivorío á liberdade e á emancipação do proletario, e abolição das fronteiras políticas. A nossa irmã tão cavalheiresca e afectuosa amiga, tendo-nos ajudado a quebrar as garras da opressão e a rasgar os sulcos da terra prometida, abraçava-se radicalmente connosco e engasava-nos no peito como precioso mafau! Escusado será dizer que o

Tejo, e Douro e o Minho se converteiam em Paetões, que o mani choveria sobre nós até nos alagar de sua vida e doença, e que as céaras e pareiras fructeariam espontaneamente como no Eden primitivo! Os portuguezes d'então por diante poderiam crescer e multiplicar-se á vontade, e as inscrições por serem gratuitas não teriam cotização. Isto é muito em sombra a perspectiva encantada, que nos oferecia a grande *revolução communal*, levantada nos andores patrióticos pelos republicanos da Península os miguelistas e carlistas da mesma, e pelos amigos do povo e do exercito *idem*! As indiscréções d'uns as traições d'outros e o demasiado zeio de todos rasgaram a folha de parra á incognita e deram-n'a em pabulo á gorgalhada e commentários picarescos da multidão! O governo e a polícia também deram pela coia, e assim é que a regeneração dos costumes públicos se gorou e as fontes da vida se entupiram antes d'orvalharem com seus jorros fecundantes a aridez do nosso deserto! Fica pois adiada a *revolução* para os tempos aureos do reinado d'António — para o terceiro consulado do nobre bispo de Vizeu, o radical tonsurado de lá que porá os radicais de lá e d'á, — para o grande melhoramento universal, ou siquer nos estados

unidos da Iberia. Até então os homens de propaganda e d'accão, os Peniche, Saldanha e outros benemeritos da pátria ingrata, irão abrindo os regos e lançando a semente que o bacilo e emitirá radical cobrião e abençoarão. A justiça e a verdade desmaiaram ás vezes como as hystericas e nervosas, porém não morrem. Confiança pois, e viva a descentralização e a communalística do nobre duque de Saldanha, e do vermelho diplomata de Peniche. Glória a Deus nas alturas, e paz aos homens na terra!

Toda a gente se agglomerava em redor dos cinco carros que neste dia trabalhavam. Não obstante o ex.º Commisario de polícia civil dar todas as providencias tendentes a manter a boa ordem e o sosiego, foi impossível evitar a entrada forçada nos carros: qual entrava pelo portal, qual pelas janellas, qual só com um pé no estribo, e n'aquella posição difícil de sustentar, ia e vinha tão alegre e satisfeito, com a turba magna que se via em pé dentro do carro. Houve entusiasta que todo o dia de sábado e domingo foi á Foz e tantas vezes quantas lá foi o carro em que ia!

O espetáculo tornou-se magnificoso desde as duas horas da tarde por diante. Por Massarellos, Porta Nobre, largo da Alânea, e finalmente por quasi toda a linha, multidão era imensa.

A curiosidade tão natural e nos frágeis criaturas, devorava a todos, e todos desejavam entrar nos carros, para poderem falar por experiência, ou para saciarem o desejo que os devorava.

Quando os carros chegavam eram saudados com frenéticas ovadas pelas longas fileiras que os receavam.

S.º Imprensa Luso-Brasileira

## CORRESPONDENCIAS

Ponto, 12 de março

(Do nosso correspondente)

Abriu-se finalmente à circulação o decantado caminho de ferro americano. Os leitores ainda se lião de recordar que elle já ha mezes, esteve para principiar a funcionar, e que não funcionou então por causa do desfecho nas rodas dalguns carros e do péssimo material da via.

Felizmente desapareceram esses obstáculos e o Ponto possue hoje esplêndido melhoramento. logo de manhã, affluo grande e quan-

tristezas. Espreitaram-n'o a horas mortas, e ficaram surpresos do que viram. — Que peregrinação será aquella do nosso querido Alvaro, em noites de tempestade, Maria?! — Perguntava o velho á sua esposa, ambos de volta das suas pesquisas.

— Eu sei-te lá, homem! Só te digo, que isto tudo me faz chorar... Elle come quasi nada, anda tanto por esses montes e outeiros, vai pelas cabanas á cata dos necessitados, passa o pouco tempo que lhe resta do dia a fér e a escrever, e ainda sahe de noite e com um tempo assim!... Deos me perdoe, mas quer-me parecer que o nosso filho se fez padre de mais!

— Não ha gosto perfeito n'esta vida, é certo. O prazer com que lhe ouvimos a primeira missa, farta recompensa de todos os nossos sacrifícios, desandou, dentro em pouco, n'estas lagrimas! Mas deixa estar, que eu ainda tenho vigor e não canço as minhas pesquisas, que podem trazer-nos tranquilidade. D'áqui por diante, quero ser eu só a vigiar o nosso Alvaro, porque fico mais á minha vontade. Tu, entretanto, ficas na cama a pedir a Deus por nós, sim?

— O que tu queres, quero eu sempre, António.

Uma das noites em que Alvaro foi espreitado pelo pae, entrou este, após a saída do filho, no repartimento da casa habitada pelo padre. Analyson, com olhos paternos, os mais insignificantes indícios, de sofrimento, físico e moral, que por ali estavam dispersos. Entre outros, pareceu-lhe descobrir signaes de que o seu Alvaro cuspiu sangue, suposição que fez verter da testa, ao triste pae, esse humor rubro que nos circula nas artérias e veias. Encontrou no chão um papel com lettras, que não sabia ler, e guardou-o. Na madrugada do seguinte dia, foi o lavrador á residencia do seu parochio e velho amigo pedir-lhe o favor de ler o escripto. Resava

— Então de que mal padece a sr. Eugenia, não me dirá? As mulheres sempre são muito fracas! Pois a molestia que tem, é lá cousa para estar com esses quebrantos?! Será isso mesmo?... — Vou dizer-lhe tudo de uma vez, sr. António, antes que as forças me faltem... Amo seu filho, e sou amada por elle... Um padre e uma viúva!... Deus castiga-nos, e bem o tinha agorado o meu confessor... Elle, está cavando a sepultura, bem o vejo; e eu quero, e hei de morrer antes....

— Em quanto vivêrem os velhos

como eu, não podem morrer assim depressa os novos como vossas merdes, descâncem. Mas porque não falaram a tempo?! Por que não confiaram de mim esses incuráveis amores, quando fôe seu ainda horas de os legitimar aos olhos do mundo?

— Não o quiz eu, sr. António,

porque tive medo de ajuntar ao meu

crime o seu ódio, ou de praticar novo

crime levando Alvaro á desobediencia.

— Foram bons sentimentos esses, foram; mas fôra melhor que ambos tivessem mais alguma confiança nos corações dos outros. Em fim, isso lá vai, e o que não tem remedio remediado está. Agora, cumpre fazermos todos da nossa parte para se viver o melhor possível, o que se ha de conseguir com o favor de Deus.

— A este tempo sentiu-se rumor á porta do quarto, e ouviu-se distintamente a voz de Thereza dizer: «E seu pae!...»

— Entra, Alvaro; — disse em voz clara, e de modo a ser ouvido de fôra, o sympathetic e honrado velho!

Entrou o padre, ajoelhou aos pés do pae, e timbeona palavrão — perdão.

— Levanta-te, que não és culpado, és infeliz, e para os infelizes reservou Deus a sua divina misericordia. Sei tudo, e tambem o sabe tua mãe. Não te condenamos, choramos as tuas dôres, que são as nossas, e procuramos-lhe allivio. É preciso que vivas, e que viva também a senhora Eugenia. Eu mando, pela voz da religião que tenho n'alma, pela do sangue, e pela da honra. Se fôr condemnado pelos fanaticos, já tenho a absolvição do meu santo pastor, que mais vale.

A um pobre, que sempre foi honrado, não falta a Providencia nas ocasiões precisas. Tu, meu Alvaro, vales ser nomeado reitor da freguesia de Santo Adrião de Penafiel, que assim m' o prometteu o sr. fidalgo de Porto-carreiro, que nunca faltou á sua palavrão.

E' um presente que me faz, disse elle por que me pagó com toda a punctualidade, ba quarenta e cinco annos um fôro, de douz carros e meio de pão meiado, limpo e secco. E' um fidalgos direitas, que sabe conhecer o que vale o suor da pobreza. Ora, a rectiria, fica lá para o valle de Sonza, na proximidades de Penafiel, muito longe d'aqui. Eu e tua mãe de certo lá nos poderemos ir, mas tu, que estás na força da vida, virás amanhadas vez visitar-nos. O sr. padre reitor de Santo Adrião, tem na aldeia da sua naturalidade uma irmã viúva, e outras solteiras, e até uma irmã casada, que ha de ter filhinhos que talvez precise auxilio do thiago padra... Repito, é mando, e quero ser obedido. Nasci o que dizem os livros sagrados neos profanos, porque me não ensinaram a ler: tenho só aprendido o que me diz a minha consciencia honrada. No tribunal de Deus justo, darei eu as contas por tudo isto. Do escandaloso, que as não hei de dar, porque tem toda a segurança nos bons sentimentos d'aquelles que preferiam a morte, e quebra publica dos seus deveres.

Quando António acabou de ensinar as suas ordens, dadas n'um tom prophetic e inspirado, é que fez reparo no quadro que havia já minutos ali se via. Estavam a seus pés ajoelhados, cada um de seu lado, regando-lhos de lagrimas doces, os amistados da paternidade, que representavam Deus na terra.

Era bello de ver-se, a mocidade cadaverica pelo mal d'amor, abraçando, commovida até ás lagrimas, a honra envelhecida no rude trabalho de campo, frésca e vigorosa como a juventude secular liberta da podridas cidades!...

(Continua)

ROMANCE

HONRA, CRIME E REMORSO

OU

UM CONTO PORTUGUÊS.

(Episodio da guerra civil a MARIA DA FONTE.)

POR

Miguel Masearenhas

Primeira parte — HONRA

VII

CELIBATO

«Deus me livre de discutir materiais tanta vez disputada, tantas vezes exaurida pelos que sabem a scienzia do mundo, e pelos que sabem a scienzia do céu!»

(Alex. Herc. Eurico.)

O padre Alvaro, foi residir, em companhia de seus pais, para a terra sua naturalidade, onde cumpria rigorosamente todos os deveres de seu ministerio sagrado, procurando os inícios para os consolar com a palavra com a esmola, fazendo colleita de grimis e escondendo de todos as que a vertia o coração. Vivia só para a aridade e para a dor. Decorando, no angelho, a vida de Christo, identificou-se com Elle no amor da humildade. Conseguio augmentar ao cabre do seu patrimonio, um novo e parado repartimento, na solidão do al, fôra das horas obrigatorias aos seus veres, fechava cuidadosamente as suas magas.

O sofrimento de um filho, não de ser, por muito tempo, estranho que lhe deram a vida. Os bondós e lavradores de Esporões, conhecem, mais por instincto do que por saideza, que seu filho padecia, e queriam profundar a causa de suas

ou cincuenta carros, e os pozesse-  
tos, longe de applaudir ou de se tor-  
nar mesmo indiferente a este com-  
mittimento de tamão alcance, e de  
tão urgente necessidade, envida to-  
do o seu engenho e arte, e as mes-  
mas artimanhas de que se serviu em  
1867, para conseguir desvairar a  
boa razão do povo; denunciando  
envir-lhe a conservação do *deficit*,  
que representa a infelicidade publi-  
ca.

Sendo, estes como realmente  
são, os intuições da oposição, não  
admira pois que ella, vendo que o  
crédito se fortalece, e que o paiz vai  
já sentindo os benefícios da proxí-  
ma aprovação de diversas leis de  
reconhecida utilidade e convenien-  
cia pública, se apresente zangada,  
desemblante iracundo, patenteando,  
que as causas conforme as vê seguir,  
em bem do actual governo e da na-  
ção, repugnam ao seu paladar pol-  
ítico, e não lhe jubileem o animo  
faccioso.

Era o campo da egualdade; e  
assim devia ser, porque o progres-  
so não admite distinções no seu  
recto programma. Houve variedade  
mas essa deleita.

No meio de todas estas alegrias  
d'uma grande cidade, deu-se, como  
contraste solemne, uma cena que  
se não pode descrever senão que sim-  
tamos as faces humedecidas pelo  
lamento.

Domingo de tarde sahia a ga-  
era «Saudades» com destino à Ame-  
rica; o barco movia-se lentamente  
sobre as águas serenas do nosso  
louro, e os pobres colonos que iam  
nendigar amargurado pão a longín-  
quas plagas, diziam talvez o último  
dens à terra que os viria nascer,  
naginal quão tristes seriam as sen-  
tências que elles recebiam em pre-  
nça de tanta alegria! Oh! aquelas  
corações iam dilacerados pela  
or e pela saudade. — Todos em pé  
obre o Lombadilho, agitavam len-  
ços brancos, como que querendo di-  
ser aos que ficavam na pátria: Go-  
ze, mas ora também pelos infelizes

re na sua longa e perigosa viagem!  
Irac, mas lembræ-vos de nós nesta  
ra d'acerbo sofrer!

E os lenços agitavam-se de cá  
de lá. As famílias dos pobres aven-  
tuários regavam de lagrimas o  
lão sobre que também gotejava o  
mudor de muitas frontes abrazadas  
elo fogo d'alegría, do movimento e  
lo prazer! E quasi ninguem notava  
sto que eu vi distintamente e que  
me sensibilisou.

Também a multidão agitou len-  
ços, também se despediu, mas com  
galhofas e risos, que magoavam a-  
quellos peitos cravados pelo espinho  
la saudade!... Mas o mundo é as-  
sim... vê-se a dor ao lado do des-  
gosto, a felicidade ao lado da des-  
ventura, a irrisão ao lado da seriedade!

Finalmente o mundo é um  
grande teatro em que todos somos  
actores, mas onde são mais infeli-  
zes aquelles quem coube em sorte  
desempenhar os peores papeis.

P.

Braga, 13 de março

(Do nosso correspondente)

A atenção publica, que esteve  
entreida com a vinda a esta cidade  
dos imperiaes viajantes brazileiros,  
volta-se de novo para o parlamento,  
ao qual estão affectas varias propos-  
tas, de cuja aprovação resultará,  
se bem que pelo augmento do im-  
posto, o desaparecimento d'esse  
monstro horrendo chamado — *deficit*,  
que ha tantissimo tempo flagela este  
paiz.

Mas a oposição, que repre-  
senta uma impuridade, por derivar o  
seu ser do pacto de dois partidos de  
indoles inteiramente diferentes, e  
de intuições diametralmente oppo-

sas, que derrubou tudo, sem nada edificar, e a que procrastinou até hoje a resolução do problema financeiro, por não saberem ou não quererem.

Provem, emfim, que não foi a gente da oposição os que se tornaram superiores à carta constitucional, que vilipendiaram ordenando o que ella terminantemente prohibe; e os que se insurgiram contra as leis approvadas pelo parlamento e saccionadas pelo chefe do estado.

Mas se a oposição não pôde provar nada de tudo isto, — com que direito verbera os actos do actual governo, mais sciente e consciente dos negocios públicos; e, para que intenta conceituar-se por gente expurgada dos seus erros, com que erraram nefastamente a marcha governativa, e regenerada dos seus vicios, com que viciaram calamitosamente a opinião publica?

Para acreditarmos na regeneração d'estes caídos lacanhos, e destes cíncinatos negativos, que temiam em se apresentar ao paiz como gente de severa moralidade, capaz de grandes committimentos, era preciso que a sua vida passada e presente não nos houvesse legado tantos dados da sua absoluta incapacidade administrativa, e da sua grandissima vellacaria d'elles.

O sr. governador civil, teve a benevolencia de nos declarar não haver prohibido os empregados da secretaria, de me facultarem os esclarecimentos tendentes ao resultado das sessões da junta de revisão deste distrito; mas sim ter lembrado aos empregados a inconveniencia, que poderia resultar, de serem ministrados tais esclarecimentos antes de escriptas e assignadas as actas das sessões, no respectivo livro.

Ve-se pois que os empregados mal intelligenciam a idéa do sr. sr.

nos que praguejam.

Contra a sua administração, contra tudo o que advém d'elle; os que o apodem de auctor do imposto de consumo, desde ha muito lançado e cobrado por diferentes camaras municipaes, o mais justo e equitativo; e os que o censuram por ter sido o iniciador da reforma administrativa, a mais liberal e económica, — se desejam merecer a hemquerencia publica, e se pretendem que o povo os não tenha por trapalhões indecentes, os não conceituem por invejosos odiosos, os não considere por ambiciosos insaciáveis, e os não capitule por accusadores systematicos, e calumniadores aleivosos, provem antes, que no tempo em que a oposição coube gerir os negocios do paiz, a prosperidade publica nada deixava a desejar ao rei n.º 13 de março

que o seu chefe.

Justificada bem foi, por tanto, a nossa admiração supondo ter o sr. governador civil ordenado semelhante proibição, que desdizia totalmente com o seu caracter recto, com o seu espirito ilustrado, e com a escola liberal, em que se acha filiado, e de que é solicto propugnador.

X

### A propósito da prophecia dos tres dias de trevas

Como o livre exame, e a livre interpretação da Escriptura, é um dos pontos fundamentaes da nova doutrina, não admira, antes é d'isto uma consequencia necessaria, que com o tempo se dividisse os seus sectarios. Com effeito assim aconteceu. A Luther succedeu Calvinio, o qual foi muito mais adiante do que aquelle, e chegou a fundar nova seita, chamada calvinista, do nome do seu auctor. Os calvinistas não admitem a hierarchia episcopal. Acima de presbytero não ha nada. E' a ultima ordem, e por isso tambem são chamados presbyterianos. Esta crença foi adoptada pela Hollanda, pela Escocia, e por alguns cantões da Suissa, cidade de Genebra, por uma pequena parte da Frângia, onde são conhecidos pelo nome d'Huguenotes os seus sectarios. Neste paiz a introdução da nova crença deu lugar a prolongadas guerras, mortíferos combates, recontros, e assassinatos, que ainda hoje horrorisa a sua recordação. Era a guerra civil e religiosa ao mesmo tempo, e por isso era uma encarniçada luta, na qual se debatiam as convicções intimas, e os

interesses de cada um.

Provem que não foi a gente da actual oposição, a que fez suprimentos a setenta e cinco por cento; e a que, n'uma celebre reforma das alfândegas, elevou o numero dos empregados á cifra de um verdadeiro exercito.

Provem que não foi essa gente

Ainda hoje é de triste recordação a noite de S. Bartholomeu em Pariz, noite na qual foram assassinados os huguenotes, tocando os sinos a rebate para darem o signal da matança, exterminio calculado, pre-meditado, e executado a sangue frio, e sem actual provocação; não se pejando o proprio rei Carlos IX d'afiar sobre os seus subditos d'uma janela do seu mesmo palacio.

E' um dos mais lamentaveis aconféctos da historia de França a matança dos calvinistas em Pariz no dia 24 d'Agosto de 1572, dia de S. Bartholomeu. Supondo que os catholicos fossem levados a este excesso de crudelidade por zel de religião facil causa é tornar odiooso este motivo, e concluir d'aqui que não ha paixão mais terrível.

Está porém provado que a religião não foi o motivo d'esta matança. A empreza formada pelos calvinistas de raptar dois reis, muitas cidades fora da obediencia, cercos sustentados, tropas estrangeiras introduzidas no reino, quatro batalhas campaes dadas contra o soberano, não seria tudo isto razão forte para irritar Carlos IX sem o motivo de religião, e para lhe fazer encarar os calvinistas como subditos rebeldes e dignos de morte? Em vão pretendem escuzar a sua revolta pela suposta rectidão de suas intenções, e por motivos do bem publico. Estes motivos sempre faceis de se alardearem não podem justificalos, nem escuzar a crudelade dos catholicos. Nenhum eclesiastico foi consultado, nem entrou no conselho, onde se resolveo a matança dos calvinistas; e o proprio duque de Guize foi d'elle excluido. Se o Papa Gregorio XIII deu solemnas accões de graça a Deus por este acontecimento não foi por se regozijar com a morte dos calvinistas, mas pela conservação do rei, o qual escreveo para todas as cortes dizer.

des tinham posto em perigo a sua vida, e a sua coroa. Fosse isto also ou verdadeiro o Papa podia acreditar de boa fé, e dar graças a Deus por ter salvado o rei, e a religião cathólica. Eram ainda os restos do feudalismo que o omnipotente cardeal se prezou esmagar, o que na verdade conseguiu, mas com grande derramamento de sangue, não só nos campos da batalha, como foi no cerco de Rochella mas também no cadastral onde foram justicados muitos dos mais illustres nomes da França como consta da historia.

mes, onde os huguenotes tinham podido duas vezes matado catholicos a sangue frio.

Os calvinistas, dizem, foram obrigados a pegar em armas porque sabiam que lhes queriam cassar os seus privilegios. Mas porque os huguenotes pensavam que se lhes queria retirar seus privilegios, quando elles tinham obtido por meia força, seria isto uma razão legitima de pegar em armas contra seu soberano?

Concluindo diremos que ainda quando se eliminasse do dia de S. Bartholomeu as tres quartas partes dos horribles excessos que se praticaram, aquelle dia seria bastantemente horrivel para ser detestado por todos aqueles nos quais ainda não estiver extinto todo o sentimento d'humanidade.

Não deixarão contudo de cometer tambem iguais accões criminosas os sectarios da nova doutrina nas terras onde elles dominavam, protegidos pelo rei de Navarra que depois de varios sucessos veio a ser rei de Frângia com o nome de Henrique IV, abjurando primeiro da calvinismo, e fazendo-se catholicismo romano, dizendo que Pariz valia bem uma missa, dito espirituoso, na que ao mesmo tempo revella a nenhuma crença de quem o proferia.

Com o auxilio portanto d'este principe, quando reide Navarra, padeceram os novos sectarios sustentando guerra civil e religiosa, e depois da sua subida ao throno de Frângia na morte d'Henrique III obtiveram va livre exercício da sua religião, graças de que gozaram em paz até o seguinte reinado.

De novo foram porém perseguidos os huguenotes por Luiz XII o successor d'Henrique IV ou antigo cardeal de Richelieu, ministro d'aquele soberano, o qual descreveu a maior actividade.

doutrina, mas também dos grandes senhores, que com seu imenso poderio assoberbavam o poder real. Eram ainda os restos do feudalismo que o omnipotente cardeal se prezou esmagar, o que na verdade conseguiu, mas com grande derramamento de sangue, não só nos campos da batalha, como foi no cerco de Rochella mas também no cadastral onde foram justicados muitos dos mais illustres nomes da França como consta da historia.

(Continua)

### NOTICIARIO

Para os pescadores	Transportado do n.º 68.	28
D. Emilia Aguiar . . . . .	trans-	po-
José Joaquim Peixoto de Meirelles . . . . .	Meirelles	25
Um anonymo . . . . .	Um anonymo	1 sen-

Somma . . . . . 32spel

Quasi todo este producto jde enviado á comissão de socorro Pra na Povoa de Varzim.

**Desgraça.** — Ante-hontan quando passava em Afim a diligencia de Vizella deu-se ali um incipiente bem lamentavel.

Os bois, que tiravam um equo de lenha, que ia a desembocadura velha na nova estrada, espantados amedrontados pelo quer que fividaram por terra o homem duende, e passaram por cima d'elle vendo o carro.

O infeliz ficou em tão maledicido estado que antes de uma hora va com Deus.

Dizem que era bastante idiomador na freguezia de Polvo.

**Procissão de Passos**

No proximo domingo sahirá da do Campo da Feira esta procissão



edições, mobílias, gêneros ou sa-  
zedas, por preços modicos, e com  
condições muito favoráveis.

## BANCO DE GUIMARÃES

Mesmo dia 20, 21 e 22 do corrente mês de maio, abre-se nessa cidade no escriptorio da Asso-  
ciação Commercial desde as 9 horas da manhã, até às 3 da tarde a subscrição de cinco mil accões de 100\$000 reis cada uma para a fundação do dito Banco, e se fechará im-  
preterivelmente no dia 22 às 3 horas da tarde.

Os srs. de fôra de Guimarães que quiserem subscriver podem, querendo, dirigir-se pelo correio aos srs. João de Castro Sampaio, Francisco José da Costa Guimarães, Fortunato Jorge Guimarães Barateiro, e Antonio José da Silva Basto.



## DE GUIMARÃES A BRAGA

### Mudança d'horario

O carro de Manuel Rodrigues Dias Santa Marinha, que sahe desta cidade para Braga ás 6 horas principia a sahir desde o dia 1.º de março inclusive ás 5 horas da manhã.

Escriptorio de J. A. Ferreira Guimarães, praça do Touro.

### Boletim do clero e do professorado

Publicou-se o n.º 462 do anno contendo parte oficial, litteraria, notícias, despachos do livro da parada e o projecto da reforma d'instru-

ção primaria, juntamente com o concurso e a publicação de artigos.

Assigna-se por anno, com estampilha, 2\$260 reis. Toda a correspondencia a Moreira de Sá—Rua do Barão, 43—Lisboa.

Leituras populares, instruc-  
tivas e moraes, colligidas para as escolas primarias, por Brito Aranha.

Aprovadas pela Junta Consultiva de Instrução Pública; e na parte moral e religiosa, por s. exa. o rtm.º arcebispo de Évora.

Este volume de 144 páginas, ornado de gravuras, já adoptado em varios lycées do reino, contém as seguintes matérias em 52 capítulos:

Ambição—Amendoados—Amor à pa-

tria—Amor dos pais aos filhos e dos

filhos aos pais—Aniversários—Apos-

tolos—Asseio—Archipelagos, ilhas,

costas—Banhos—Biblia—Brazil, sua

corographia—Brôas—Cabos—Calum-

nia—Caminhos de ferro e telegraphos

—Campanhas da liberdade—Civilida-

de—Comprimentos—Consciencia—

Consituição de Portugal—Conversa-

cão—Criança nos campos—Curiosida-

de—Dansa—Deus—Descobrimento da

India—Dias da semana—Ensino obri-

gatorio—Escola—Estradas—Filipe

Camarão—Geographia—Gymnastica

—Hospitalidade—Hygiene—Imperti-

nente e insolente—Infante D. Henrique

—Ingratos—Ira—Justo—Limpeza—

Livro—Luto—Menino Isaac—Miseria

de Job—Moysés—Origem das procis-

sões—Oração—Paquetes—Pobre—

Poder do ouro—Portugal, sua corogra-  
fia—Probidade—Quaresma—Reis  
de Portugal—Relogio—Respeito aos  
mestres—Restauração de Portugal—  
Restauração de Pernambuco—Sandau-  
cão—Tempo—Trabalho—Vaidade—  
Vapor—Vasco da Gama—Visinhos.

Preço 100 reis.—Acha-se á venda, em Lisboa, na casa de Rolland etc. Seu endereço, rua Nova dos Martires, 3, e nas principais livrarias do reino.



NESTA typographia imprimem-se, atinta preta ou de cõr, rotulos para garrafas, frascos etc., com o nome dos medicamentos ou sem elle.

Tambem se fazem rotulos para garrafas de vinho ou licores, facturas, e todos os impressos que sejam encomendados.

Rua de D. João, n.º 15.

## LIVRARIA NACIONAL

—DE—

Joaquim Joze Bordalo

24—RUA AUGUSTA—26

LISBOA

te establecimento

acha-se á venda os seguintes livros, e são remetidos para as províncias, francos de porte, a quem enviar o seu importe em estampilhas, ou sellos á dita livraria (Dá-se gratis um catálogo de todas as obras de Litteratura, Historia, Poezia, Romances, comedias, dramas e scenas cómicas que se vendem n'este estabelecimento).

O CLERO E A SOCIEDADE. Opuscilo no qual se demonstram com a historia aberta os innumereis benefícios que a sociedade deve ao clero desde a gloriosa revolução do mundo, que começou nos doze Apostolos até hoje; escrito por um Bacharel em theologia, cuja leitura recomendamos.

Este volume de 144 páginas, ornado de gravuras, já adoptado em varios lycées do reino, contém as seguintes matérias em 52 capítulos:

Ambição—Amendoados—Amor à pa-

tria—Amor dos pais aos filhos e dos

filhos aos pais—Aniversários—Apos-

tolos—Asseio—Archipelagos, ilhas,

costas—Banhos—Biblia—Brazil, sua

corographia—Brôas—Cabos—Calum-

nia—Caminhos de ferro e telegraphos

—Campanhas da liberdade—Civilida-

de—Comprimentos—Consciencia—

Consituição de Portugal—Conversa-

cão—Criança nos campos—Curiosida-

de—Dansa—Deus—Descobrimento da

India—Dias da semana—Ensino obri-

gatorio—Escola—Estradas—Filipe

Camarão—Geographia—Gymnastica

—Hospitalidade—Hygiene—Imperti-

nente e insolente—Infante D. Henrique

—Ingratos—Ira—Justo—Limpeza—

Livro—Luto—Menino Isaac—Miseria

de Job—Moysés—Origem das procis-

sões—Oração—Paquetes—Pobre—

Power do ouro—Portugal, sua corogra-

fia—Probidade—Quaresma—Reis

de Portugal—Relogio—Respeito aos

mestres—Restauração de Portugal—  
Restauração de Pernambuco—Sandau-

cão—Tempo—Trabalho—Vaidade—  
Vapor—Vasco da Gama—Visinhos.

Preço 100 reis.—Acha-se á venda, em

auxilio de mestre, todas as danças modernas mais usadas na boa sociedade.

Na livraria International de Ernesto Chardron, Porto.

Preço..... 120 reis.

NOVO MANUAL DO SABO-  
EIRO, ou arte de fabricar toda a  
qualidade de sabão e sabonetes,  
branco, amarelo, rajado, medicinal  
etc. Preço..... 160 reis.

## AS FARPAS

CHRONICA mensal da política,  
das letras e dos costumes,  
por Eça de Queirós e Ramalho Or-  
tigão.

Sabido o 8.º numero e está á  
venda na livraria Pereira, na rua  
Augusta, e na tabacaria Neves, ao  
Rocio.—Lisboa.

Recebem-se assignaturas na  
livraria Pereira.

## BIBLIOTHECA

### RECREATIVA DE ROMANCES ESCOLHIDOS

### PROPRIETARIOS

L. P. D'Azevedo & M. P.  
Monteiro

Administrador—M. A. de S. E. Silva

Publicam-se regularmente 2 volu-  
mos por mês de 64 pag. cada um e brox.  
a 40 reis para os snrs. assignantes de  
Lisboa. Províncias 50 reis o volume  
(adiantado), por meio de estampilhas.

Toda a correspondencia deverá  
ser dirigida aos proprietarios os Ro-  
mances Escolhidos, Alto do Longo,  
n.º 46.

## LA ILUSTRACION

### ESPAÑOLA Y AMERICANA

Este jornal, que se pode dizer um dos melhores que se publica na Europa, vê a luz da publicidade em Madrid nos dias 4, 14, e 25, de cada mês. Consiste de 16 a 24 páginas cada numero a trez columnas com magnificas gravuras.

Preço para Portugal, (franco pelo correio) anno, 7\$220 reis—semestre, 3:890 reis—trimestre, 2:460.

Assigna-se bem como «LA MODA ELEGANTE ILUSTRADA» na livraria International, rua de S. Damaso, n.º 17 Guimarães.

## MAPPA PHYSICO DO REINO DE POR-

### TUGAL

indicando as novas divisões  
territoriaes por provincias e  
distritos, as estradas de com-  
unicações, os caminhos de  
ferro e suas estações etc.

Uma folha grande co-  
lorida 500 reis

Preço..... 160 reis.

MANUAL DE DANÇA me-  
thodo facil para aprender a dançar,

Na livraria International de Ernesto Chardron, Porto.

ces para todos os domingos do i-  
ano, vidas de santos, etc,

### Publicação semanal

Com approvação dos senhores  
Patriarcha de Lisboa e Bispo do Port-

o. Publicou-se o n.º 8 e 9 do terceiro  
anno, contendo os sermões d'  
Bulla da Santa Cruzada, e outros  
assumptos de summa importânci-

Assinatura por anno 2250  
semestre 1\$200, trimestre 700 rs.  
A Redacção encarrega-se de enviar  
particularmente qualquer discurso  
sobre o assumpto que se indicar, po-

1\$600 rs. A correspondencia da ad-  
ministração dirija-se a Gregori  
José Alves de Azevedo, rua das  
Olarias, 56 1.º andar, Lisboa, e a  
Redacção a Theodo.º A. Marinho  
na mesma residência.

### O PALHACO

### ALMANAQUE PARA 1872

Sain o 2.º fasciculo desta intere-  
sante publicação, respectiva ao me-  
de fevereiro.

Avenda em todas as livrarias d'  
Porto. Preço de cada fasciculo 60 r.

Os snrs. assignantes tem um  
brinde no fim do anno.

Subscreve-se na Redacção  
Boa Vista—71—Porto.

### PALHARES

### Largo de S. Francisco N.º 9

Participa aos seus amigos e fra-  
guezes que acaba de receber de Li-  
boa um grande e variado sortimen-  
to de fagendas de lã e seda, propria  
para vestidos de senhoras  
sente estação, e acabadas com de-  
zenhos e coloridos de mimo e gosto  
da ultima moda, como piques, go-  
gorões, e lás escocesas.

Recebeu mais um lindo e va-  
riado sortimento de chailes-manta-  
pannos-velludos, e cachemiras, ta-  
to para calças, como para fato-  
completos.

O annunciente convida os sei-  
freguezes e amigos ao exame da  
sua fazendas e ao conhecimento do  
preço, que não pode ser nem ma-  
limitado nem mais animador.

## ARMAZEM DE VINHOS

No Armazem de vinhos da casa  
Villa Pouca, acham-se á venda,  
garrafados e a retalho, as seguin-  
qualidades:

Lagrima.....	200 reis
Tinto fino.....	240
Velho de meia.....	300
Malvasia (2.ª qualidade).....	360
Vinho velho.....	400
Alvarinho (superior).....	560
Bastardo velho.....	500
Malvasia (1.ª qualidade).....	500
Moscatei.....	500
Vinho de 1854.....	600
" 1825.....	1\$100
" 1833.....	800
Roncon.....	700
Vinho de meia a 50, 60, 80	
120 rs. o quartilho do tinto e bran-	

## O THESOURO DOS ORADORES

Collecção de sermões panegy-<br